



## Escuta e interpretação na sessão analítica

Antonia Claudete A. L. Prado.

*A interpretação visa a causa do desejo*  
(Lacan)

### Escuta inicial

Nas entrevistas preliminares, a partir da introdução da regra fundamental, o analista está especialmente voltado a identificar: a demanda; a estrutura do sujeito; a localização do gozo; a relação do sujeito com o Outro. Esse momento inicial do tratamento visa promover a retificação subjetiva que consiste em levar o sujeito a tomar para si a responsabilidade pelo sofrimento do qual se queixa, e, sob transferência, se fazer a pergunta crucial: *por que faço isso comigo?* Essa pergunta indica que o sujeito mudou da posição de vítima para a posição de responsável pelo seu sofrimento. Esta mudança é acompanhada pela interrogação constitutiva do sintoma analítico que marca a sua entrada em análise.

Queixa → Sintoma analítico  
?

O caminho da cura analítica é fundado pelo sintoma, sustentado pela transferência e movido pela associação livre.

### Sobre a interpretação

Freud inicia suas pesquisas na psicanálise via interpretação dos sonhos, publicando uma de suas obras mais importantes, *Interpretação dos Sonhos*, em 1900, data que consagra o nascimento da psicanálise. O sonho é concebido por ele como uma das formações inconscientes e, como tal, dá acesso ao material recalçado de forma a permitir a sua interpretação. A descoberta freudiana do inconsciente ocorreu na época vitoriana, em cuja cultura imperavam leis severas que impeliavam um mal-estar marcado pela falta. O mal-estar na civilização do sujeito freudiano era produzido pelo recalque; pela renúncia ao gozo, pelo encontro com a castração. A interpretação analítica ao sentido, à significação do sofrimento pela pesquisa das pistas do inconsciente, fruto do recalque, expressas no discurso do sujeito: esquecimentos, atos falhos, chiste, sonhos, sintomas.

Lacan fala sobre o tema 'interpretação' em diferentes momentos do seu ensino. Inicia em 1953 com o Discurso de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Escritos), enfatizando a interpretação como pontuação. Em 1964 ele concebe a fórmula do *Inconsciente estruturado como uma linguagem*, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Sem. XI), ele parte da seguinte lógica: se toda intervenção na estrutura, a exemplo do que ocorre na linguagem, produz modificação no sentido (um ponto de interrogação, de exclamação ou uma vírgula), e se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, então, utilizando-se os recursos da linguagem pode-se operar na sua estrutura produzindo mudança no sentido e na significação. – a intervenção que produz essa mudança é o que Lacan chama de interpretação.

Esse modelo reflete a primeira clínica de Lacan, que trata o sujeito em sua dimensão simbólica, sujeito que desliza na cadeia significante onde gozo fica circunscrito entre  $S_1$  e  $S_2$ . Nessa clínica, como diz Lacan: o significante é o que representa o sujeito para um outro significante e, esse deslizamento leva o sujeito a uma interminável produção de sentidos, de significações.

Até então, a escuta analítica preocupava-se em buscar o sentido naquilo que o paciente dizia e em comunicar isso a ele. Os kleinianos ainda trabalham assim – devolvendo o sentido para o paciente.

$$S_1 \text{ (gozo) } S_2$$

Lacan modifica isso afirmando que a pergunta do analista, em qualquer ponto do discurso (como? O que isso quer dizer? Pode falar mais sobre isso?...), leva o sujeito a mudar o rumo da associação e, conseqüentemente, a mudar também o sentido. Isso não quer dizer que toda pergunta do analista funciona como uma interpretação. Para que a pergunta tenha valor de interpretação é necessário que produza efeitos de sentido. Se isso não ocorrer, trata-se apenas de uma pergunta.

Lacan recomenda que desde o início das entrevistas preliminares o analista deve colocar em ação a função do “mal-entendido”: *mas o que você quer dizer com isso?* O analista deve escutar o desejo, que está para além da demanda, e dar lugar ao Sujeito-Suposto-Saber – o mal-entendido e a instalação do SSS são instâncias necessárias para a localização subjetiva – referência que colocará em evidência a futura retificação subjetiva imprescindível para a entrada em análise.

A partir da década de 1960, ao abordar o real, no Seminário ‘A Angústia’ (1962-1963), Lacan avança para a segunda clínica: a clínica do real. Esse avanço impõe uma modificação importante na direção do tratamento, entretanto, sem invalidar a clínica do simbólico – é um avanço, não uma superação.

### Os três marcos do percurso de Lacan

Imaginário	Simbólico	Real
1936	1953	1962
<i>Estádio do Espelho</i>	<i>Função e Campo da Fala e da Linguagem</i>	<i>A Angústia</i>
Escritos	Escritos	Seminário X

No Seminário XI Lacan enfatiza que a interpretação não deve ser aleatória – não está aberta a qualquer sentido e segue uma estratégia balizada pela articulação dos significantes implicados na história do sujeito.

Em 1972, em *O aturdido* (Outros escritos), Lacan propõe que o analista deve estar atento a três tipos de circunstância na fala do paciente, e intervir sempre que ocorrerem:

1. erros de gramática;
2. erros de lógica;
3. homofonia.

Aqui ele precisa que o analista opera entre o dito e o dizer, e delinea isso na frase: *seja o que for que se diga fica esquecido por trás do que se diz, naquilo que se ouve (O aturdido)* – ‘o que se ouve’ é o significante, enquanto que ‘o que se diz’ comporta o significado, a verdade, que a análise busca atingir introduzindo sempre a questão sobre *o que isso quer dizer*.

O que se ouve    significante  
O que se diz    significado

O analista se reporta à falta, não à completude, não busca dar ao sujeito o que lhe falta, o sentido, não se oferece como continente, não se coloca como compreensivo. Esses são modelos que visam à terapêutica centrada no imaginário, não no simbólico, e o inconsciente não está no eixo imaginário, ele se articula no eixo simbólico – eixo em que o analista opera.

Entretanto, sempre que se intervém em um registro (imaginário, simbólico ou real), os outros dois também são tocados, uma vez que estão entrelaçados, e a novidade que Lacan traz nesse momento à psicanálise é a oferta de um instrumento mais preciso: a interpretação que se dirige ao inconsciente (estruturado como uma linguagem) pela via do simbólico.

Não é qualquer intervenção que pode ser chamada de interpretação, é preciso que produza efeitos no simbólico, isto é: que produza associações. Por isso é que Lacan reafirma que é sempre no *après-coup*, no ao depois, que o analista pode saber se a sua intervenção foi ou não uma interpretação. Ele pode até nem se dar conta, nem mesmo ter a intenção de fazer uma interpretação – por exemplo, ao pigarrear. Os efeitos de sentido que o sujeito possa vir a fazer com esse pigarrear do analista (ao inserir esse som na cadeia significante) transformam o pigarrear em uma interpretação. Por isso é que Lacan diz que quem interpreta, de fato, é o analisante – é ele quem trabalha sobre os atos do analista, qualquer que sejam eles: pontuação, silêncio, riso, chiste, questionamento, gesto, citação da própria fala do paciente, outras citações (da literatura, da filosofia, da poesia, da música, das lendas, da própria psicanálise...). A interpretação do chiste, por exemplo, está no riso. Freud diz que a interpretação do chiste faz liberar o recalcado – tem o efeito de liberar energia que se transforma em riso.

A construção é um manejo útil para manter o paciente em análise. Se ele comunica que está pensando em parar, não adianta ficar esperando material para interpretar. O que decididamente conta é que analista tenha clareza sobre aquilo que está fazendo.

A interpretação opera no levantamento do recalque possibilitando a passagem desse material para a consciência, a sua articulação na cadeia significante e a conseqüente produção de novas significações. Esse processo é freqüentemente expresso no discurso do paciente em ditos tais como: *nunca havia pensado nisso antes, como é que eu não percebi isso antes? isso faz sentido! isso me faz lembrar tal coisa, agora eu entendo...* Nota-se que o analista não precisa, nem deve procurar compreender. Essa é uma tarefa que cabe ao analisante.

### **Interpretar não é compreender**

A direção do tratamento é dada pela fala do sujeito, pelas pistas significantes que permeiam o seu discurso, pelas repetições que o gozo impresso no sintoma. A interpretação não deve estabelecer relação de compreensão da trama discursiva, trata-se de escandir a fala nos pontos em que tais repetições significantes se apresentam. Não se deve compreender o sujeito – primeiro, porque isso é da ordem do impossível; segundo: ainda que fosse possível, isso de nada serviria, pois esta significação viria da leitura delirante do analista. A única leitura que verdadeiramente conta é a do analisante. Sobre isso, diz Lacan:

*Observa-se, na formação que damos aos alunos, que é sempre aí que convém detê-los. É sempre no momento em que eles compreenderam, em que se precipitaram para satisfazer o caso com uma compreensão, que eles falharam na interpretação que convinha ou não fazer. Isso se exprime em geral com toda a ingenuidade na fórmula – “o sujeito quis dizer isso”. O que vocês sabem a respeito? O que há de certo é que ele não o disse<sup>1</sup>.*

A interpretação tem um lugar bastante particular no tratamento analítico, não se trata de tecer explicações, nem de oferecer reconhecimento ou responder às demandas do paciente... A interpretação se orienta pela função significante, porém, não há um indicador que sinalize objetivamente o lugar na

---

<sup>1</sup> LACAN, J. *A significação do delírio*. In: *As psicoses (1955-1956)*, Livro 3. Ed. Zahar. R.J. 2ª Edição, 1992. p. 31.

fala onde uma determinada intervenção terá valor de interpretação, esta se constituirá como tal pelos efeitos de produção de algo novo, de um discurso novo, sempre a posteriori.

### Qual é o lugar da interpretação?

*A interpretação, para decifrar a sincronia das repetições inconscientes, deve introduzir na diacronia dos significantes que nela se compõem, algo que, de repente, possibilite a tradução do (...) elemento faltante<sup>2</sup>.*

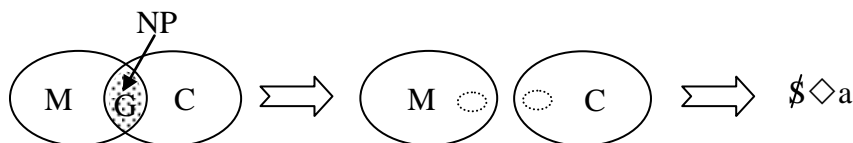
O *elemento faltante* é o significante que não aparece explicitamente na cadeia, o significante da falta no Outro que institui o sintoma, termo concebido por Lacan como uma *interpretação inexata do sujeito*, uma vez que é uma metáfora. Dessa forma, a interpretação corresponde a um tipo de *inflamação* vinda de substratos inconscientes – *inflamação* instilada pelo sujeito do inconsciente.

*(...) a interpretação, não é que ela acrescenta sentido, a interpretação, ela tenta acrescentar o significante que falta. Ela não acrescenta diretamente o sentido, ela acrescenta o significante que falta e é porque Lacan pode dizer que isto que opera, é a articulação dos significantes. (...) é a articulação dos significantes porque o efeito de sentido é somente isto que resulta da articulação.<sup>3</sup>*

Finalmente, a intervenção do analista é sempre uma aposta. Ele intervém em algo que poderá tocar o sujeito, porém, nunca se sabe, a priori, se isso realmente irá tocá-lo, é sempre uma aposta.

### É possível falar em interpretação na psicose?

A interpretação incide na cadeia significante, sobre o gozo recalcado, gozo desconhecido pelo sujeito, gozo cifrado, gozo a ser decifrado e elaborado por ele. Estas são referências da neurose, que pressupõe a castração decorrente da entrada em ação do significante Nome-do-Pai – da metáfora paterna, cuja função primordial é promover a separação, do gozo inicial do corpo do *parlêtre* (falasser - ser falante). Esse gozo uma vez recalcado dá origem ao sujeito dividido, inscrito na função fálica, função reguladora do gozo, isto é: o falo é um significante que vem dar conta da simbolização desse *quantum* de gozo que foi recalcado.



Sabemos que na psicose o recalçamento não ocorre, o gozo permanece à deriva, desordenado, não inscrito na função fálica, portanto, não simbolizado, sem *point de capiton*, não há a entrada do S<sub>2</sub> como operador do envio do S<sub>1</sub> para o inconsciente com a conseqüente queda do objeto a e a instituição da cadeia significante introduzida pelo par S<sub>1</sub>–S<sub>2</sub>.

Na psicose, o S<sub>2</sub> (significante do saber no Outro) tem um lugar diferenciado daquele que lhe é conferido na neurose: é um significante enfraquecido, desacreditado, ineficiente na instauração da castração. A sua entrada, em vez de produzir a separação do S<sub>1</sub> (significante alienado ao campo do

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_ A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*, Ed. Zahar. R.J. 1998. p. 599.

<sup>3</sup> Miller, J.-A. *Curso de 1998, 7ª aula*.

Outro) do gozo do Outro, promovendo o recalque original, vem aglutinar-se ao significante primordial,  $S_1$ , dando origem à 'holófrase'. Se não há o par significante  $S_1$ - $S_2$ , como é que sujeito poderá se interrogar a partir de um intervalo se este intervalo não existe? Em suma, se não há cadeia significante, não há que se falar em interpretação na psicose.

### **Qual é então a função do analista no trabalho com a psicose?**

O desencadeamento da psicose se dá frente ao transbordamento do gozo que retorna do campo do Outro e invade o sujeito que, desprovido do significante NP para circunscrever esse gozo. Sem o recurso simbólico adequado para conter esse gozo, o sujeito lança mão do delírio como suplência significante capaz de inseri-lo na articulação lingüística: recurso que permite encontrar a referência que lhe dá estabilização e, portanto, a cura. Assim, a articulação significante do sujeito psicótico é feita pelo delírio, isto é: pela metáfora delirante (Lacan, Sem. 3) que vem suprir a falta da metáfora paterna. A metáfora delirante, embora não tenha a mesma eficácia, funciona de forma assemelhada à metáfora paterna: coloca um significante precisamente no lugar onde está o significante do gozo do Outro.

Diferentemente do trabalho com a neurose, o ato do analista, em lugar de buscar o efeito de significação, busca a obtenção de uma metáfora delirante que pode promover a estabilização.

Lacan ressalta que o trabalho do analista com o sujeito psicótico consiste em acompanhá-lo na sua tarefa de construção da metáfora delirante, explicitando isso pela seguinte formulação:

*Vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado. (...) Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta.*<sup>4</sup>

A elaboração delirante inscreve-se na dimensão simbólica, ordenada em um sistema lingüístico e não importa que interpretação o sujeito faça, que sentido ele construa. O que de fato interessa é que para ele isso adquira um sentido. Essa elaboração é fruto da organização da experiência psíquica organizada no interior do universo da linguagem, e esse é um mecanismo ao qual está submetido *não somente o alienado como qualquer sujeito humano*<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> LACAN, J. *Secretários dos alienados*. In: *As psicoses (1955-1956)*. Seminário III, cap. XVI. Ed. Zahar. R.J. 1992. p. 235.

<sup>5</sup> *Ibidem*. P. 238.